

ROBERT D. KAPLAN

A MENTE TRÁGICA

**GUERRAS, REGIMES DITATORIAIS E
ANARQUIAS – REFLEXÕES SOBRE O PODER**

Tradução
FÁBIO ALBERTI



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023
THE TRAGIC MIND BY ROBERT D. KAPLAN. COPYRIGHT © 2023 BY ROBERT
D. KAPLAN. BY ARRANGEMENT WITH THE AUTHOR. ALL RIGHTS RESERVED.

Todos os direitos reservados.

Avis Rara é um selo da Faro Editorial.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**

Preparação **MARINA MONTREZOL**

Revisão **CRIS NEGRÃO E MARIO COUTINHO**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **ZEF ART, FRAME STOCK FOOTAGE | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Kaplan, Robert D.

A mente trágica : guerras, regimes ditatoriais e anarquias
/ Robert D. Kaplan ; tradução de Fabio Alberti. — São Paulo :
Faro Editorial, 2023.

128 p.

ISBN 978-65-5957-270-0

Título original: The tragic mind: Fear, Fate and the
Burden of Power

1. Ciências sociais 2. Geopolítica 3. Política internacional
I. Título II. Alberti, Fabio

23-0341

CDD 300

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais



1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

PREFÁCIO

NA DÉCADA DE 1980, ESTABELECIDO NA GRÉCIA, EU PASSEI meus anos de formação como correspondente estrangeiro, cobrindo o Leste Europeu comunista, o Grande Oriente Médio e a África. Meu interesse nos gregos antigos e em sua influência sobre Shakespeare e sobre a literatura moderna foi despertado em Atenas, de onde eu viajava constantemente para ver as coisas que metiam medo nos gregos: caos e formas de organização tão radicais que na verdade eram variedades de caos.

Nada do que vivenciei foi mais aterrador do que o Iraque de Saddam Hussein. Na época, o Iraque era um vasto pátio de prisão iluminado por lâmpadas de alta potência. A tirania imposta no Iraque era de tal ordem que superava até mesmo a dureza do regime de Hafez al-Assad na vizinha Síria. Para mim, apenas um governo ditatorial se comparava ao de Sadam no Iraque: o da Romênia sob Nicolae Ceaușescu, mais uma região que fazia parte do meu trajeto. Em algum momento no verão de 1986, a polícia de segurança do Iraque confiscou o meu passaporte americano, e fui abandonado à minha própria sorte, vivendo com milícias curdas no Norte por dez dias. Testemunhei muitos horrores em minhas andanças pelo mundo, mas o que vi no Iraque de Saddam — com seus gigantescos *outdoors* com imagens do ditador espalhados por toda parte, seus vários serviços de inteligência, sua fama de prática de tortura em escala quase industrial e seus diplomatas mortos de medo em

embaixadas no Ocidente (que diziam aos visitantes que não poderiam fazer nada por eles caso o regime os considerasse suspeitos) — alcançava um patamar de medo inigualável. Lembro-me da arquitetura monumental e hostil como dentes de dragão irrompendo no céu de Bagdá, celebrando a grandeza do ditador. A insinuação de violência era tão sufocante quanto o calor e a poeira do lado de fora dos extensos muros do palácio presidencial, protegidos por metralhadoras. Tudo isso me levou, na sequência dos atentados de 11 de setembro de 2001, a apoiar a Guerra do Iraque, mesmo preocupado com o destino que teria o país caso ocorresse a queda de Saddam.

Eu era um jornalista que havia se aproximado demais da história que pretendia relatar. Tinha deixado minhas emoções perturbarem a análise imparcial. Meu momento de compreensão se deu quando voltei ao Iraque integrado ao corpo de fuzileiros navais dos EUA durante a primeira batalha de Fallujah, em abril de 2004. Lá eu testemunhei algo ainda pior do que o Iraque dos anos 1980: a anarquia sanguinolenta de todos contra todos que o regime de Saddam, mesmo com sua brutalidade extrema, havia conseguido conter. A depressão clínica da qual pade-ci depois durante anos, em razão do meu engano quanto à Guerra do Iraque, levou-me a escrever este livro. Eu havia falhado em meu teste como pessoa realista — simplesmente na questão mais importante do nosso tempo, nada mais, nada menos! Dali em diante, sempre soaria em meus ouvidos a observação do filósofo medieval persa Abu Hamid al-Ghazali: um ano de anarquia é pior do que cem anos de tirania^[1].

Passei minha carreira de quarenta anos como correspondente estrangeiro constantemente horrorizado com a violência mortal e sem sentido que vi bem de perto, não somente no Iraque mas também no Iêmen, no Afeganistão, em Serra Leoa e em outros lugares. Também testemunhei a tirania em níveis tão extremos — sobretudo na Romênia stalinista e no Iraque baathista, onde literalmente qualquer pessoa podia ser presa, torturada ou morta sem motivo algum — que com o tempo pude compreender que se tratava de anarquia disfarçada de ordem.

A anarquia era o maior e mais basilar medo dos gregos antigos. Os gregos eram racionais demais para ignorar o poder do irracional que

residia no lado oposto da civilização. Eles não viam equivalência moral entre ordem e desordem. Na tragédia grega, um universo ordenado — o oposto do caos — é sempre uma virtude. O mundo moderno perdeu essa sensibilidade em meio às distorções monstruosas da ordem impostas por Hitler e por Stalin, o que ajudou a inspirar a ficção distópica de *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, e de *1984* (1949), de George Orwell — dois livros que retrataram regimes tão apavorantes que deram má reputação à própria palavra ordem.

Claro, uma vez que a ordem é imposta, a tarefa é fazer com que seja cada vez menos tirânica. Os pais fundadores dos Estados Unidos afezaram-se a essa questão e travaram debates encarniçados em torno dela. Essa ordem não tem substituto e, ainda que traga graves perigos, é uma das razões que levavam os gregos a considerarem o mundo profundamente imperfeito e mesmo assim belo.

Os gregos perceberam a grande importância de aprender a temer o caos para dessa maneira evitá-lo. Pois há muito que nós *não* sabemos sobre o que pode se abater sobre nós como nação e como indivíduos. O *Édipo Rei* de Sófocles ensina que nenhum homem pode ser considerado afortunado até que esteja morto — pois nada é certo, portanto nada pode ser dado como definitivo. O mesmo vale para uma nação. Em prol do futuro, os mais sábios entre nós estão cheios de medo. Isso vale principalmente para aqueles que detêm o poder e que decidem pela guerra ou pela paz. Líderes sensatos são aqueles que sabem que devem pensar tragicamente a fim de evitar a tragédia. Vladimir Putin jamais aprendeu essa lição, caso contrário não teria invadido a Ucrânia em hipótese nenhuma.

A tragédia grega emerge da necessidade do medo construtivo, ou da previsão apreensiva, e passa a abranger muito mais. Por exemplo, a verdadeira tragédia caracteriza-se por uma consciência dolorosa das poucas escolhas que se apresentam a nós, embora o cenário seja vasto. Esse é um mundo marcado por limitações. Ser autoconsciente é compreender, em determinada situação, o que é possível e o que não é. Essa autoconsciência geralmente surge tarde demais para modificar as consequências. O sofrimento e o paradoxo de uma pessoa com cargo

elevado é que, embora ela tenha autoridade, as opções de que dispõe podem ser realmente atroz.

A tragédia também aponta enfaticamente que não existe nada mais belo nesse mundo do que a luta do indivíduo contra grandes obstáculos, mesmo quando a morte o aguarda e a chance de que seja lembrado por muito tempo é pouca ou nenhuma. Isso determina a verdadeira grandeza do espírito humano, já que a luta sempre tem propósito e chance de êxito. Tragédia não é fatalismo nem tampouco tem relação com o quietismo dos estoicos. Tragédia é compreensão: a compreensão e o autoconhecimento que eu finalmente adquiri em Fallujah quando percebi quão errado estava a respeito do Iraque e por que estava errado. Mas quando uma pessoa pensa de maneira trágica desde o início, ela sempre teme o futuro e tem, portanto, consciência das suas próprias limitações — e assim pode atuar com mais eficácia. Meu objetivo aqui é inspirar, não deprimir.

Além disso, a tragédia grega não diz respeito à desgraça comum nem tem relação com crimes inacreditavelmente vis contra a humanidade. Nicolae Ceaușescu e Saddam Hussein, os dois monstros dos meus primeiros anos como correspondente internacional, jamais poderiam ser heróis trágicos, porque faltavam-lhes recursos para que adquirissem autoconhecimento. O herói trágico acaba descobrindo a sabedoria. Seguindo a definição dos gregos, tragédia não é o triunfo do mal sobre o bem, mas o triunfo de um bem sobre outro bem que causa sofrimento. Remover Saddam Hussein foi algo bom, mas suplantado por um bem maior: a aparência de ordem. Mesmo o regime autoritário ilegal de Saddam não foi o pior caos que poderia ter atingido o seu país; sem Saddam, centenas de milhares no Iraque passaram a morrer violentamente. A tragédia diz respeito a objetivos moralmente defensáveis, porém incompatíveis, já que escolher o bem em vez do mal é muito fácil. Dessa maneira, eu omiti largamente o mal neste livro.

O Iraque foi um fracasso de dimensões quase literárias, não em razão do mal, mas porque nossos líderes perderam a capacidade de pensar tragicamente depois do fim da Guerra Fria. É essa sensibilidade que eu busco resgatar.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE
TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2023